

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM

LUANA BEATRIZ ALVES MORAIS

**AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E O
CONTEXTO DOS ADOLESCENTES: REVISÃO NARRATIVA**

Goiânia, 2022

LUANA BEATRIZ ALVES MORAIS

**AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E O
CONTEXTO DOS ADOLESCENTES: REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Enfermagem, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Prof^a. Dra Paulie Marcelly Ribeiro dos Santos.

Linha de Pesquisa: Promoção à Saúde

Goiânia, 2022

RESUMO:

Introdução: A adolescência é uma etapa importante de desenvolvimento do indivíduo e é nessa fase que geralmente iniciam a atividade sexual, sendo apontados como grupo de risco para as Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Objetivo: Identificar na literatura o que tem sido produzido sobre as IST no contexto dos adolescentes. **Metodologia:** Revisão narrativa. Os critérios de inclusão foram: artigos em língua portuguesa; publicados entre 2012 a 2022; disponíveis na íntegra e de forma gratuita nas bases de dados e artigos relacionados aos adolescentes com faixa etária até 19 anos de idade, artigos em língua estrangeira, teses, artigos relacionados a jovens dissertações, e manuais do Ministério da Saúde serão excluídos. A coleta de dados foi executada no segundo semestre de 2022, nos bancos de dados: Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). **Resultados:** Foram encontrados um total de 5.075 artigos nas bases de dados, Capes, Lilacs e SciELO. Ao aplicar o filtro de critérios de inclusão e exclusão foram excluídos 4.960 artigos, restando 115. Destes, 105 artigos também foram excluídos, por não se adequarem ao tema de estudo, após leitura do título e resumo, sendo a amostra final da revisão composta por 10 artigos.

Conclusão: Verificou-se que se faz necessário conhecer os pensamentos dos adolescentes, sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa aborda-la de modo que contribua para seu desenvolvimento e crescimento sexual saudável, sendo necessário uma maior aproximação desse público com os serviços de saúde, fazendo com que eles se sintam à vontade para procurar ajuda e buscar informações e por meio de educação em saúde na escola, promovida por profissionais dos setores da saúde e educação, há construção de vínculo entre o público adolescente e esses, possibilitando, desta forma, que os estudantes reflitam de maneira crítica e reflexiva quanto ao autocuidado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 OBJETIVO GERAL	7
3 REVISÃO DA LIETRATURA	8
3.1 Adolescentes e sexualidade	8
3.2 IST	10
4 METODOLOGIA	12
5 RESULTADOS	14
6 DISCUSSÃO	18
7 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) determina que adolescência compreende o período de 10 aos 19 anos de idade, sendo a fase de transição entre a criança e a idade adulta, caracterizada por mudanças físicas, psíquicas e sociais. Estima-se que em todo o mundo essa população seja formada por 1,2 bilhão de adolescentes, ou seja, uma em cada seis pessoas integra esse grupo (WHO, 2022).

Segundo Queiroz e colaboradores (2021), comportamentos de risco como sexo sem preservativo, ingestão de álcool e outras drogas, ganham sua importância nesta faixa etária, os colocando como uma classe indefesa. A recusa frente os assuntos abordados pela sexualidade têm raízes ancestrais e sempre seguiram ligadas às formas de comando religioso e social, visto que o sexo era enxergado e até hoje é, como pecado, prestando apenas como forma de procriação. Para pessoas ainda que enxerguem o sexo como tabu, tem-se uma abstenção no que se refere as argumentações contra o sexismo (QUEIROZ *et al.*, 2021).

Dessa forma, o conhecimento dos adolescentes em relação ao que diz respeito as IST's, sobre onde tem contato com o assunto, em sua maioria descobrem com os colegas vizinhos, com primos e amigos e em sua maioria na escola, lugar onde os adolescentes interagem do modo mais acessível (PINHEIRO *et al.*, 2020).

Embora adolescentes informem que houve recebimento de orientações sobre ISTs e afirme ter compreensão sobre o tema, é notória a falta de abordagem do tema, antecipadamente da idade do começo sexual, nas escolas e ambiente familiar, lugares descritos como de prioridade (RIZZON *et al.*, 2020)

Assim, torna-se de muita relevância que a equipe de saúde juntamente com os especialistas de educação, prestem ações com projetos de educação em saúde sobretudo para os adolescentes, execução de projetos envolvendo instrução sobre a vida sexual, IST's, formas de transmissões, modo de prevenção, tratamentos e seus danos (VICENTE *et al.*, 2020).

Portanto, este estudo torna-se oportuno pois cabe a nós entendermos que, enquanto profissionais da saúde ou familiares de adolescentes, somos

responsáveis por contribuir em sua formação no tocante às IST e sexualidade. Assim, é importante identificar de que forma esse tema tem sido apresentado no contexto desse grupo vulnerável, para que estratégias específicas sejam criadas e implementadas, de modo que sejam munidos de conhecimento e tenham uma vida sexual segura.

2. OBJETIVO GERAL

Identificar na literatura o que tem sido produzido sobre a percepção dos adolescentes sobre as IST.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Adolescentes e sexualidade

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina, no artigo 2º, que a pessoa até doze anos de idade incompletos é considerada como criança, e adolescentes, aqueles que possuem entre doze e dezoito anos de idade (ECA, 2016).

O tratamento que o ECA dá aos direitos sexuais e reprodutivos de crianças e adolescentes é sempre pela negativa, ou seja, tem sempre o intuito de prevenir o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes pelos adultos. É notável a ausência de direitos afirmativos referentes à vida sexual e reprodutiva (ECA 2016; JIMENEZ *et al.*, 2015).

A adolescência é um momento de desenvolvimento marcado por mudanças no meio da vida adulta e da infância, com várias transformações psicológicas, fisiológicas que influenciam no convívio social. Esse método de amadurecimento acontece de uma forma muito ágil, e é interessante para a construção de vida do adolescente, tanto para a sua interação e confirmação entre a sociedade. Nesse tempo, o adolescente luta com a precisão de procura da sua própria identidade, como forma de determinar diante a comunidade, em um tempo podendo ser classificado um dos mais significativos em sua formação (DUQUE *et al.*, 2020).

Além disso, a sociedade em inúmeros momentos por sua experiência e/ou cultura julgam serem isentos as decorrências, associadas a um sentimento de teimosia que começa na adolescência visando sua identidade social e a relação dos hormônios da mocidade ocasionando na chance de precoce atividade sexual que juntamente à ausência de informação e o não uso de preservativo, retrata suscetibilidade as IST's (FERREIRA e RIBEIRO, 2020).

O uso de preservativos nas relações sexuais é a forma mais eficiente para a diminuição de perigos de transmissões das IST's (SOUSA *et al.*, 2017) e nesse sentido, é importante que todos os atores envolvidos na instrução da

educação e na criação dos adolescentes, realizem seu papel, quer seja o orientador pedagógico, quer os responsáveis ou a comunidade, para a promoção de um lugar aberto ao diálogo sobre essa temática, com vistas à compreensão e necessidade de se protegerem (DUQUE *et al.*, 2020).

Segundo Barbosa Sales *et al.*, (2017) os adolescentes mostram ter um bom entendimento em VIH/SIDA, sífilis, HPV e herpes, nas outras IST's mostraram um grau de pouca compreensão, no entanto não usam esse método contraceptivo como forma de prevenção, apontando susceptibilidade dos mesmos para adquirir estes tipos de doenças.

O valor da presença da conversa no meio familiar, tanto como uma boa qualidade educacional é de extrema importância nessa faixa etária. Nesse caso, é indispensável que as informações pertencentes à vivência da sexualidade sejam abordadas e discutidas no ambiente familiar de modo claro e explicativo para que a mídia e amigos não sejam utilizados para esclarecer os questionamentos dos adolescentes, pois em muitas situações podem levar ao comportamento sexual de risco. Diante disso, o diálogo sobre sexualidade no meio familiar pode contribuir significativamente para a redução das IST's (ANGELO *et al.*, 2021).

Já em relação as escolas, estas também apresentam papel fundamental e apresentam o encargo de formar e informar com a visão de um conhecimento integral do indivíduo, tratando-se de IST's frente os riscos à saúde que as próprias podem ocasionar é considerável no presente momento que a instituição e seus sujeitos não tenham medo ou horror em falar com transparência todos os assuntos próprios ao ser humano, especialmente os temas focados a sexualidade e a saúde pública (MEDICI e LEÃO, 2020). Como forma de minimizar o impacto das IST's, tem se desenvolvido ações de prevenção através de palestras e oficinas, com a finalidade de consciencializar as pessoas da importância do uso da camisinha, para evitar a contaminação (DUQUE *et al.*, 2020).

Os exercícios didáticos em saúde devem ser desenvolvidos conforme a circunstância sociocultural vividas pelos adolescentes, com a finalidade de intensificar seu efeito. Tais técnicas podem ser realizadas por formas de oficinas, palestras, diálogos, rodas de conversa, entre outras atribuições que

concedam os adolescentes trocar experimentos e explicar as suas inseguranças (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Ainda de forma intersectorial, o Programa Saúde na Escola (PSE) é considerado uma política dos Ministérios da Saúde e da Educação direcionada para alunos da rede pública de ensino, que são as crianças, adolescentes, jovens e adultos. Funciona através da articulação com as equipas de saúde e as escolas do território adotando a interdisciplinaridade e intersectorialidade, que constitui a base do Programa Saúde (BRASIL, 2013). O assunto sexualidade no espaço escolar, entre adolescentes, é sobreposto por medidas que envolvem aspectos do contexto cultural de cada um; da erotização dos corpos; influência da mídia; falta de diálogo com os pais; orientação e diversidades sexuais acompanhadas, algumas vezes, por visões distintas (BRINGEL *et al.*, 2016).

3.2 IST

Os casos de IST crescem de forma considerável em escala mundial, sendo os maiores casos identificados em países subdesenvolvidos. Para a sua diminuição e/ou erradicação, é necessário adotar medidas com programa de ações preventivas e de controle que envolva fatores comportamentais, características sociais das pessoas e as emprego de estratégias do setor de saúde (WHO, 2019; NELSON *et al.*, 2019).

Segundo a OMS, no espaço de intervalo de um dia, no mundo, aproximadamente um milhão de pessoas se infecta com as IST, de modo que um percentual variável de 80 a 90% destes indivíduos são oriundos de países em fase de desenvolvimento, o que torna muito mais ainda difícil realizar um diagnóstico mais preciso (WHO, 2019).

No Brasil, em 2017, e referente ao HIV existiam 882.810 pessoas infectadas, com média de 40 mil novos casos por ano. Quanto as outras IST's, estima-se, por ano, um total de 357 milhões de infecções, sendo: 131 milhões de Clamídia, 78 milhões de Gonorreia, 5,6 milhões de Sífilis e 143 milhões de Tricomoníase (BRASIL, 2017).

As IST's, surgem a partir do não uso de preservativos nas relações sexuais, podendo ser através do contato íntimo vaginal, anal ou oral, uma vez que o contato com secreções ou com a pele são as condições propícias para transmitir a doença. Contudo, quando estão envolvidos vários parceiros em determinado intervalo de tempo (período), tende a aumentar o contágio em ambos os sexos e independente de idade (PEREIRA, 2015).

Os órgãos genitais são os mais afetados pelas infecções sexuais transmissíveis apresentando vários sintomas, tais como: dor, vermelhidão, pequenas feridas, corrimento, inchaço, dificuldade para urinar ou dor durante o contato íntimo (WHO, 2020; RODRIGUES, 2017).

O diagnóstico de uma IST pode ser realizado tendo como referência os sintomas, reforçado pela observação dos órgãos genitais, e confirmados por meio de exames, tais como, o papanicolau, entre outros. Visando melhor identificar, o médico costuma indicar um exame de sangue para descobrir a causa da doença e receitar o tratamento mais apropriado (LACERDA, 2011).

O manejo sintomático é simples, permite que o tratamento rápido seja prescrito no mesmo dia para os usuários que chegam à unidade de saúde com sintomas e evita a realização de exames diagnósticos caros ou indisponíveis no ponto de atendimento. Portanto, a OMS recomenda que os países melhorem o manejo sintomático introduzindo gradualmente testes laboratoriais para apoiar o diagnóstico. Em locais onde estão disponíveis testes moleculares com garantia de qualidade, recomenda-se tratar as ISTs com base nos resultados desses testes. Além disso, as estratégias de triagem de IST são essenciais para aqueles em maior risco (WHO, 2021).

Quanto ao tratamento, é de praxe o médico indicar o uso de antibióticos ou antifúngicos podendo ser comprimido ou pomadas, lembrando que a maior parte das IST têm cura, menos a AIDS e a herpes. Quanto as IST'S imunopreveníveis são algumas HPV sífilis, tricomoníase (WHO, 2020).

No entanto, quando não tratadas, ou não tratadas corretamente, essas infecções resultam em problemas graves, tais como: câncer de útero, infertilidade, problemas cardíacos, meningite, aborto ou malformações do feto (RODRIGUES, 2017).

Nesse sentido, o enfermeiro é o profissional preparado para desempenhar com qualidade o atendimento ao paciente, orientando-o quanto

a adoção de atitudes voltadas para a prevenção. É o responsável técnico e dotado de habilidades em função da sua formação (SOUZA e SILVINO, 2018).

4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa utilizando o método de revisão narrativa, apresentando uma temática mais acessível, raramente parte de um assunto específico bem determinado, não impondo um protocolo severo para sua elaboração, a procura das origens não é pré-determinada e características, sendo frequentemente pouco amplo. A escolha dos artigos é aleatória, colocando o autor de informações sujeitas através de seleção, com maior intervenção da percepção subjetiva, segundo os pressupostos de (CORDEIRO *et al.*, 2007)

Para auxiliar nesse processo, iremos utilizar as etapas propostas por Mendes *et al.*, (2008), sendo elas:

1ª: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa;

2ª: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura;

3ª: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos;

4ª: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa;

5ª: interpretação dos resultados;

6ª apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

Definiu-se como pergunta norteadora a questão: Qual tem sido a temática abordada sobre as IST's no contexto dos adolescentes?

Os critérios de inclusão foram: artigos em língua portuguesa; publicados entre 2012 a 2022; disponíveis na íntegra e de forma gratuita nas bases de dados e artigos relacionados aos adolescentes com faixa etária até 19 anos de idade. Já os artigos em língua estrangeira, teses, artigos relacionados a jovens dissertações, e manuais do Ministério da Saúde serão excluídos.

A coleta de dados foi executada no segundo semestre de 2022, nos bancos de dados: Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

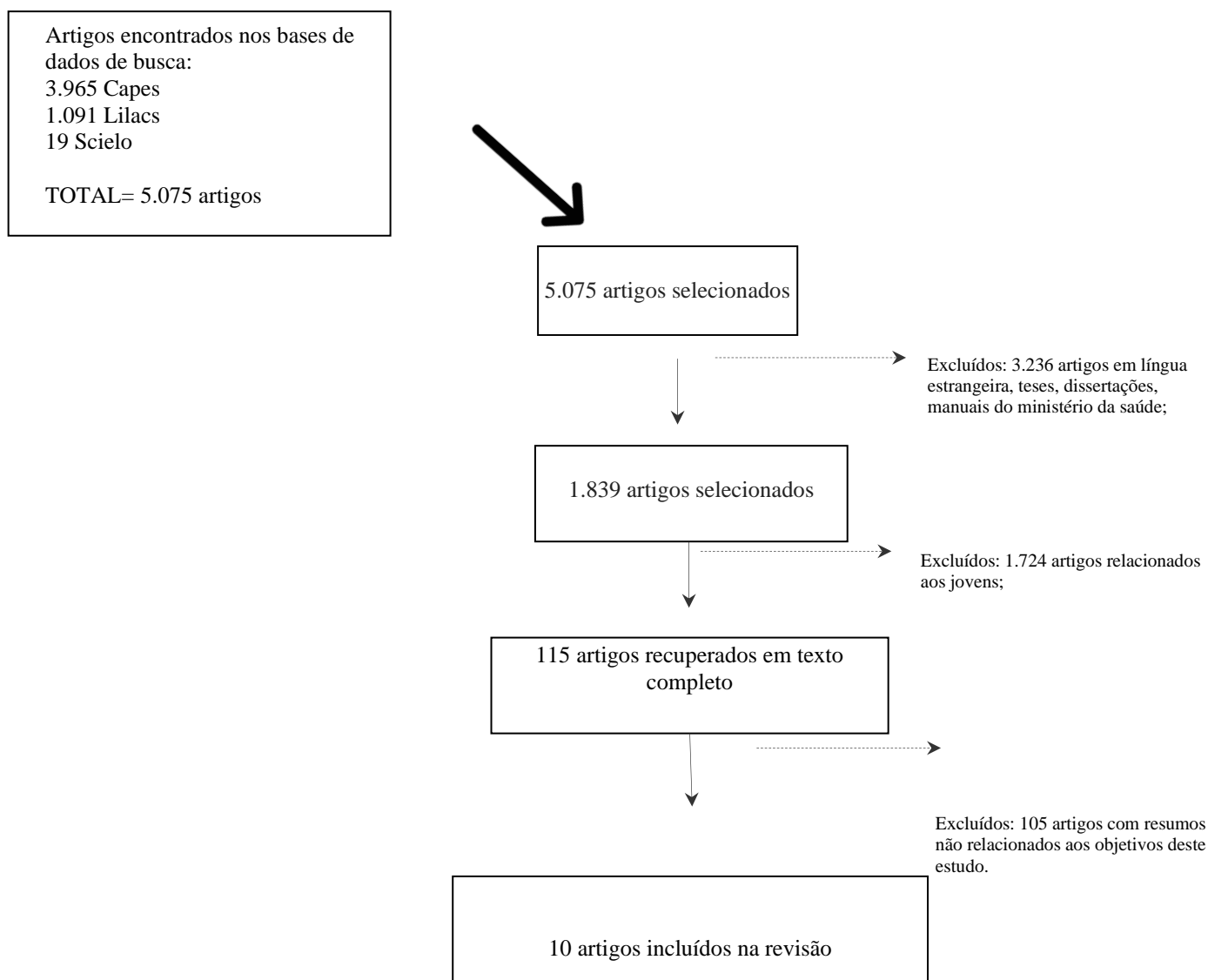
Foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (Desc): “DST”, “Adolescentes”, “IST” e ainda, os operadores booleanos “AND; OR”, com a seguinte estratégia de busca (Adolescente) AND (DST OR IST).

5. RESULTADOS

Foram encontrados um total de 5.075 artigos nas bases de dados, Capes, Lilacs e Scielo. Ao realizar o filtro de critérios de inclusão e exclusão em língua estrangeira, teses, dissertações e manuais do ministério da saúde 3.236 foram excluídos por não atenderem aos critérios, 1.724 artigos excluídos cujo o escopo seria relacionado a jovens, sendo assim 115 o número de artigos recuperados em texto completo. Na revisão foi incluídos 10 artigos, pois 105 artigos ainda foram excluídos por terem resumos não relacionados aos objetivos do estudo.

A figura 1 apresenta o fluxograma do processo de seleção dos artigos incluídos na revisão narrativa.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos.



Quadro 1. Dados referentes aos artigos incluídos na revisão narrativa, no período de 2012 a 2022.

Ano	Autores	Título	Objetivos	Resultados	Conclusão
2021	BARBOSA; et al.	Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis	Os conhecimentos de adolescentes identificados sobre práticas sexuais seguras e identificadas como necessidades de informação dos adolescentes sobre os serviços sexualmente transmissíveis e gravidez.	O método mais conhecido foi o preservativo masculino (94,4%); os adolescentes do sexo, 2,7% afirmam e dentre todos 2 o uso de preservativo em relações sexuais (p=0,01) afirmaram que contraceptivos sexuais 4,6% < 4,6% afirmaram que contraceptivos sexuais 4,6% < 4,6% protegiam contra infecções sexualmente transmissíveis (p=0,01).	Os adolescentes apresentaram concepções prévias e eventualmente superficiais a respeito da prevenção de IST e da gravidez. As participantes do sexo feminino apresentaram maior conhecimento a respeito dos métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e práticas de sexo seguro. A identificação de deficiência no conhecimento apresentada pelo grupo investigado recomenda a realização de atividades relacionadas ao tema da educação sexual nas escolas.
2021	VIEIRA, et al.	Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes	Identificar a prevalência do início da atividade sexual em adolescentes e a prática de sexo seguro entre os mesmos.	A prevalência da atividade sexual foi 47,3%, com idade média da sexarca de 14,1 anos, e tendência de iniciação sexual precoce no sexo masculino. Um terço das primeiras relações sexuais foram desprotegidas (33,9%). As participantes do sexo feminino apresentavam maior conhecimento a respeito de contracepção e prevenção de doenças, menor adesão ao uso de preservativos e maior utilização de contraceptivos orais e de emergência.	O estudo mostrou início precoce de vida sexual entre adolescentes, e um terço das relações sexuais sem proteção. Há necessidade de ações de saúde e educação que garantam a aquisição de conhecimento e acesso a métodos contraceptivos.

2021	SOUSA, A. J. M. et al.,	Educação sexual nas escolas: um desafio possível	Analisar na literatura nacional dos últimos 5 anos aspectos relacionados a alguns desafios e potencialidades das ações de educação sexual nas escolas.	O desenvolvimento das práticas de educação sexual nas escolas teve início no século XX, tendo como foco o controle de cunho epidemiológico, onde havia apenas discussões de tema religioso de caráter higienista como estratégia de saúde pública.	Mudanças na sociedade e movimentos feministas têm impulsionado debates, como por exemplo, sobre o tema da educação sexual, trazendo para um cotidiano a relevância de trabalhar tal questão.
2020	SOUZA, S. O. et al.,	Iniquidades de gênero e vulnerabilidade às ist/hiv/aids em adolescentes de assentamento urbano: um estudo exploratório	Compreender a percepção acerca da vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS entre as adolescentes residentes em assentamento urbano de uma capital do Brasil Central.	Emergiram as seguintes categorias temáticas: sentimento de invulnerabilidade às IST/HIV/AIDS; relação de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS e sexualidade, rede social e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS.	As adolescentes assentadas são marcadas pela subalternidade de gênero, que muitas vezes é negada e naturalizada pelos ideais de legitimação de desigualdade entre os sexos.
2015	VALIM, E. M. A. et al.,	Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes	Este estudo teve como objetivo identificar o conhecimento sobre DST, atitudes autorreferidas de adolescentes relacionadas às práticas sexuais e identificar fatores associados ao não uso do preservativo.	A maioria dos adolescentes era do sexo masculino, conversavam sobre sexo, referiram não ter apresentado DSTs, consideravam que o preservativo masculino evitava DSTs e informaram utilizar preservativo. Fatores relacionados ao não uso do preservativo foram ser do sexo feminino, acreditar que o preservativo não evita DST, ser inconveniente e ter parceiro fixo.	Os resultados indicam que a maioria dos adolescentes possui informações suficientes sobre DST e adotam comportamentos responsáveis em relação a sua saúde e a do parceiro, porém é fundamental adotar ações continuadas para todos perceberem a importância da prevenção.
2015	SILVA; et al.	Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs	O objetivo deste estudo foi contribuir para o ensino das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) nas escolas de Ensino Médio.	Os alunos da escola pública mostraram mais dificuldade com relação ao conhecimento (conhecimento ou informação?) sobre os sintomas das DSTs. Nas duas escolas o conhecimento sobre o assunto se mostrou genérico e superficial. De acordo os professores de Biologia, ambos ensinam sobre o conteúdo e o material didático contém os temas de sexualidade e DST.	Este trabalho alcançou o objetivo de esclarecer o tema aos alunos, porém, falta às escolas um melhor diálogo com eles para o planejamento desse conteúdo, já que, embora seja previsto o seu ensino, não está havendo uma aprendizagem esperada.

2014	COSTA; et al.	Percepções de adolescentes grávidas sobre o papilomavírus humano: estudo exploratório	Analisar a percepção de adolescentes grávidas em relação ao papilomavírus humano (HPV).	Ficou perceptível que as concepções das adolescentes grávidas sobre o HPV ainda são confusas e errôneas, pois elas atribuem características comuns às doenças sexualmente transmissíveis (DST) ao HPV, não sabendo definir quais são suas características específicas. Possuem total desconhecimento sobre as implicações que o vírus pode trazer durante a gestação.	: o HPV ainda é um assunto de muitas incertezas para as adolescentes no que diz respeito às questões que o envolvem, sobretudo no período gestacional, o que aumenta a vulnerabilidade de jovens grávidas em relação ao vírus.
2013	GUBERT; et al.	Tradução e validação da escala de comunicação pais-adolescentes: tecnologia para prevenção de DST/HIV	Realização da adaptação transcultural da Parent-adolescent Communication Scale, que avalia a frequência de comunicação entre pais e filhos sobre assuntos relacionados a sexo, preservativo, DST, HIV e gravidez.	A versão do instrumento em português apresentou um Alfa de 0,86 quanto à validade da estrutura, foi parcialmente verificada uma vez que o teste das hipóteses do grupo contratado não foi confirmado.	A versão do instrumento adaptada para o português é considerada válida e confiável na amostra de estudo.
2013	COSTA A.C. P. J, et al.,	Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz - Maranhão	O objetivo deste estudo foi investigar a vulnerabilidade de adolescentes escolares em relação às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), identificando os principais comportamentos de risco e de prevenção.	Apontam que: a maioria dos jovens (86,3%) que usaram preservativo na última relação sexual habitualmente mantém essa prática; 82,8% dos adolescentes que compreendem o conceito de HIV se protegem contra essa infecção e acreditam que a principal forma de contaminação é por via sexual, por via sanguínea ou através da barreira placentária.	Conclui-se que a maioria dos adolescentes participantes apresentou conhecimento coerente sobre práticas sexuais e comportamentos de risco, que os tornam vulneráveis às DSTs e ao HIV, apresentando aspecto positivo para a prevenção destas doenças.
2013	BECHARA; et al.	“Na brincadeira a gente foi aprendendo”: promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes	Descrever e analisar o conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e sexualidade de um grupo de jovens homens antes e após um projeto de promoção de saúde sexual/reprodutiva, descrever e avaliar as estratégias utilizadas.	Identificaram-se seis categorias temáticas relacionadas ao corpo e suas percepções na vivência da sexualidade: DST; gravidez; sexualidade segura; gênero; e sexualidade.	A avaliação das intervenções apontou rupturas com concepções sociais hegemônicas e a potencialidade de ações de promoção de saúde sexual/reprodutiva específicas para homens.

6. DISCUSSÃO

Com a análise dos estudos selecionados foi possível identificar a categoria: Vulnerabilidades e necessidade de educação em saúde.

Vulnerabilidades e necessidade de educação em saúde

Foi observado em relação a vulnerabilidade e necessidade de educação em saúde, que a adolescência é considerada como a etapa da vida de fundamental importância para a identidade de percepções da cultura acerca da sexualidade e vulnerabilidade quanto às IST/HIV/ aids (SOUZA *et al.*, 2020).

Sendo essa condição, influenciada pelo meio social, cultural e econômico em que esses adolescentes vivem.

Deste modo, segundo Costa *et al.*, (2013), a vulnerabilidade é um dos importantes aspectos a ser reconhecido para a elaboração de ações voltadas para a temática das IST no contexto dos adolescentes de modo a contemplar em as diferentes realidades.

Em relação ao conhecimento sobre o uso do preservativo, observou-se diferença entre o sexo dos adolescentes, ou seja, o sexo feminino demonstra saber mais sobre o assunto que o sexo masculino, em especial, quanto ao uso de contraceptivos, como a pílula e a camisinha, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a prática do sexo seguro (VIEIRA *et al.*, 2021); (BARBOSA *et al.*, 2021).

Por outro lado, um estudo desenvolvido por Barbosa *et al.*, (2021) evidencia que adolescentes do sexo masculino além de demonstrarem pouco conhecimento quanto ao uso de métodos contraceptivos, se mostram contrário a esse uso.

Assim, baseado no que apresenta Barbosa *et al.*, (2021), é importante que haja maior difusão do conhecimento sobre a prevenção às IST, de maneira que se alcance a equidade de gênero, sensibilização, reflexão e responsabilização de ambos na prática do sexo seguro e saudável.

Parafraseando com Barbosa e Vieira *et al.*, (2021), para além do conhecimento sobre métodos de prevenção, é importante manter os adolescentes informados sobre outros conteúdos que se ligam a essa temática, como meios de transmissão, sintomas e existência de cura das infecções, sendo

relevante considerar o grau de conhecimento destes adolescentes e respeito às condições de vida de cada segmento.

No entanto, fatores sociais como crenças, valores morais, religiosos, aspectos comunicacionais e a falta de formação dos profissionais são aspectos que contribuem para essa vulnerabilidade, na perspectiva de que surgem como barreiras no processo de orientação e propagação do conhecimento sobre essa temática (SOUSA *et al.*, 2021).

Outras condições, como a falta de assistência da família aos adolescentes, o uso de drogas, dentre outras fazem com que muitos deles, iniciem sua vida sexual precocemente e com isso, haja uma multiplicidade de parcerias sexuais (BECHARA *et al.*, 2013).

Assim, é necessário que haja orientação aos adolescentes em relação a educação em saúde de forma orientativa e contínua, seja no ambiente familiar e até mesmo na escola, as chances do alcance de uma maior consciência quanto as verdades e inverdades em relação as doenças sexualmente transmissíveis e a importância do sexo seguro serão bem maiores (COSTA *et al.*, 2014).

Nessa perspectiva, é fundamental que ocorra as parcerias entre educação, saúde e família para a obtenção de resultados satisfatórios para a devida orientação sexual dos adolescentes (SOUSA *et al.*, 2021).

Na esfera escolar, e corroborando com a relevância da educação sexual como indispensável para promoção da saúde de crianças e adolescentes, Sousa e colaboradores (2021), afirmam que diretrizes político-pedagógicas e programas elaborados, como o Programa Saúde da Família - PSF que se estende também às escolas, passam a ser essenciais para contemplar a problemática.

Diversas alternativas foram apresentadas para auxiliar nesse processo educacional voltado para os adolescentes e às IST (BECHARA *et al.*, 2013); (VALIM *et al.*, 2015); (GUBERT *et al.*, 2013).

Dessa maneira, ao serem adotadas campanhas orientativas para os adolescentes sobre a vida sexual como uma das metodologias participativas de educação em saúde, acredita-se que ajudaria a tirar dúvidas e a desmistificar aspectos importantes sobre o tema (BECHARA *et al.*, 2013).

Além disso, construir ações pensadas para um adolescente antenado e com a tecnologia como sua principal aliada, é propício, pois muitos deles já

antecipam informações sobre educação sexual pela internet, e muitas vezes, acham que isso é suficiente (VALIM *et al.*, 2015)

Gubert et al., (2013), sugere em seu estudo a Aplicação da Escala de Comunicação Pais e Adolescentes (PACS) como uma das formas de atender os adolescentes no cenário da atenção primária à saúde voltada a educação sexual, sendo realizado o diagnóstico prévio para atividades de educação em saúde, comunitárias e clínicas especializadas.

Por fim, discorre-se que a família tem papel fundamental para as primeiras orientações sobre a vida sexual dos adolescentes, pois ao serem informados sobre este assunto, podem aceitar com mais naturalidade outras explicações que surgem no ambiente escolar ou no meio social com outras pessoas. Contudo, na literatura, são escassos, os estudos que tratem do tema nessa perspectiva.

7. CONCLUSÃO

Verificou-se que se faz necessário conhecer os pensamentos dos adolescentes, sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa aborda-la de modo que contribua para seu desenvolvimento e crescimento sexual saudável, sendo necessário uma maior aproximação desse público com os serviços de saúde, fazendo com que eles se sintam à vontade para procurar ajuda e buscar informações e por meio de educação em saúde na escola, promovida por profissionais dos setores da saúde e educação, há construção de vínculo entre o público adolescente e esses, possibilitando, desta forma, que os estudantes reflitam de maneira crítica e reflexiva quanto ao autocuidado.

Portanto, faz com que essas ações valorizem o empoderamento das adolescentes do sexo feminino, além da participação ativa e inclusão dos adolescentes do sexo masculino, com vistas a atingir a equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, N. G. et al. **Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.** Rev. Baiana Enferm.; 35: e39015, 2021.

BECHARA, A. M. D. et al. **“Na brincadeira a gente foi aprendendo”:** promoção de saúde sexual e reprodutiva com homens adolescentes. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. – v.15, n. 1, p. 25-33, jan./mar de 2013.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Normas para o programa de controle de infecção hospitalar.** Ministério da Saúde, 1998. Disponível em:<<http://www.ccih,med.br/portaria2616.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2022

BRASIL. **Decreto n. 6.286, de 5 de dezembro de 2007.** Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado: 15 dez. 2013. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>. Acesso em: 30 de abr de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde (BR). **Boletim epidemiológico de Sífilis.** Brasília: MS; 2017. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2017>>. Acesso em: 20 de abr de 2022.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm Acessado em: 19 maio 2022.

COSTA, A. C. P. J. et al. **Vulnerabilidade de adolescentes escolares à DST/HIV, em Imperatriz – Maranhão.** Rev Gaúcha Enferm. - v. 34, n. 3, p.179-186, 2013.

COSTA, A. X, P. J. et al. **Percepções de adolescentes grávidas sobre o papilomavírus humano: estudo exploratório.** – Universidade Federal Fluminense. -. OBJN – *Online Brazilian Journal of Nursing* p. 637-644, 2014.

COSTA, M; I. F. et al. **Determinantes sociais de saúde e vulnerabilidades às infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes.** Rev Bras Enferm., v. 6, n. 72, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/61847/1/2019_art_mifcosta.pdf> Acesso em: 08 de maio 2022

DUQUE, C. S. et al. **O conhecimento de jovens frente as IST no município de Nhamundá-AM.** Saúde meio ambiente, v.9, p. 43-52, 2020. Disponível em:<<http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/2155>>Acesso em: 15 de abril 2022.

GUBERT, F. A. **Tradução e validação da escala Parent-adolescent Communication Scale: tecnologia para prevenção de DST/HIV.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 21, n. 4 [08 telas] jul.-ago. 2013.

LACERDA, R.A. **Infecção hospitalar e sua relação com a evolução das práticas de assistência em saúde.** In: Lacerda RA. Controle de Infecção em Centro Cirúrgico - Fatos, Mitos e Controvérsias. São Paulo (SP): Atheneu. - p. 9-23, 2011.

MEDICI, M. S.; LEÃO, M. F. **Sexualidade e vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis na percepção de estudantes de uma escola pública mato-grossense.** Revista Destaques Acadêmicos, Lajeado, v. 12, n. 3, 2020. Disponível em:
<<http://www.univates.com.br/revistas/index.php/destaques/article/view/2621>>
Acesso em: 08 de maio 2022

NELSON L.E.; THARAO W.; HUSBANDS W.; SA T, ZHANG N.; KUSHWAHA S. et al. **The epidemiology of HIV and other sexually transmitted infections in African, Caribbean and Black men in Toronto.** BMC Infect Dis. 2019; 19(294). Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1186/s12879-019-3925-3>>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

PEREIRA, M. S. et al. **A Infecção Hospitalar e suas implicações para o cuidar da Enfermagem.** Texto contexto enfermagem (2015). Disponível em
<<http://www.scielo.br/scielo.php?pid>> Acesso em: 20 de março de 2022.

QUEIROZ, D. K. L. et al. **Sexualidade e adolescência: uma análise do pensamento conservador no Brasil.** Brazilian Journal of Development. Curitiba, v. 7, n. 8, p. 77027-77051, 2021. Disponível em:
<<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/33915>> Acesso em: 22 de abril 2022.

RIZZON, B. B. et al. **Comportamento de risco para infecções sexualmente transmissíveis em estudantes do ensino médio.** Femina, v.1 n. 49, 2021. Disponível em:
<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/02/1146936/femina_2020_491_p52-57-comportamento-de-risco-para-infecoes-s_WkOTmpm.pdf> Acesso em: 05 de maio 2022

SALES, W. B. et al. **Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde.** Revista de enfermagem, v. IV, n. 10, p. 19-27, jul - set., 2016. Disponível em:

<https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2603&id_revista=24&id_edicao=97> Acesso em: 27 de abril 2022

SILVA, R. **Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 57, p. 221-238, jul./set. 2015.

SOUSA, C. P. et al. **Adolescentes: Maior vulnerabilidade às IST/AIDS?** RETEP - Rev. Tendên. da Enferm. Profis, v. 9, n. 4, 2017. Disponível em: <<http://www.coren-ce.org.br/wp-content/uploads/2019/02/ADOLESCENTES-MAIOR-VULNERABILIDADE-%C3%80S-ISTAIDS.pdf>> Acesso em: 02 de maio 2022

SOUSA, A. J. M. et al. **Educação sexual nas escolas: um desafio possível.** Rev. Psicol Saúde e Debate. – v. 7, n. 1, p. 15-26, Jan., 2021.

SOUZA, S. O. **Iniquidades de gênero e vulnerabilidade às IST/HIV/AIDS em adolescentes de assentamento urbano: um estudo exploratório.** Ciencia y Enfermeria. - v. 26, n. 12, p. 1-10, 2020.

SOUZA, D.F.; SILVINO, Z.R. **The Sociology of Pierre Bourdieu: theoretical potential for the subfield of nursing.** Rev Bras Enferm. 71(4). Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0505>>Acesso em 16 de outubro de 2022.

VALIM, E. M. A. et al. **Utilização de preservativo masculino entre adolescentes de escolas públicas na cidade de Uberaba (MG), Brasil: conhecimentos e atitudes.** Cad. Saúde Colet., Rio de Janeiro, v.23, n. 1, p. 44-9, 2015.

VICENTE, R. C. A. et al. **Conhecimento dos adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis.** Braz. J. of Develop. Curitiba, v. 5, n. 10, p. 82001-82012, oct., 2020. Disponível em:<<https://isidore.science/document/10670/1.elg1kc>> Acesso em: 05 de maio 2022

VIEIRA, K. J. et al. **Início da atividade sexual e sexo protegido em adolescentes.** Escola Anna Nery, v. 2. 5, n. 3, [s.i.], 2021

VIEIRA, K. J. **Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.** Rev baiana Enferm, v.35:e39015, 2021.

WHO - WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexually Transmitted Infections (STIs).** Genebra. (2019). Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/06-06-2019-more-than-1-million-new-curable-sexually-transmitted-infections-every-day> >. Acesso em: 15 de abr de 2022.

WHO, OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Organização Mundial da Saúde, 2022. Disponível em:< [https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis))>Acesso em: 18 de maio 2022.

WORKOWSKI K.A. **Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Sexually transmitted diseases treatment guidelines**. Clin Infect Dis [Internet]. 2015; 61(supl.8). Disponível em:< <https://doi.org/10.1093/cid/civ771>>. Acesso em: 08 de maio de 2022.